

Nuevo enfoque para la enseñanza de cursos de español en curso de letrasDelzina Braz da Silva¹Nélson de Abreu²

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo seguir la misma tesitura de la telaraña como una organización para proponer un nuevo enfoque a la enseñanza de Español Como Lengua Extranjera en cursos Letras-Español. El tema se hizo a partir de observaciones hechas en tres campos de trabajo de los autores de esta investigación. El marco teórico utilizado aquí, se basa en estudios publicados sobre la adquisición y cómo se dibuja un curso de lengua extranjera. En busca de pruebas sobre las creencias y supuestos que subyacen en el enfoque para la enseñanza del LE en cursos de Letras-Español, se adoptó el modelo de la investigación etnográfica como el procedimiento de recogida de datos, por otra parte, se utilizaron las observaciones hechas en salón de clases, cuestionario, propios registros y análisis de libros didácticos adoptados en el curso Letras Portugués-Español, Universidad de Uberaba, y curso de Letras-Español en el Instituto Federal de Roraima y del Distrito Federal de Brasilia. Los resultados muestran que los libros adoptados, aunque buenos, no se ajustan a las necesidades reales de los estudiantes. La investigación es relevante para la enseñanza ser significativa en la formación de nuevos profesionales en la enseñanza de español como lengua extranjera.

Palabras clave: enfoque, acción-reflexión-acción, lenguaje, aspecto educativo.

ABREU, N. de. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - Brasil.

SILVA, D. B. da. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - Brasil.

New approach to the spanish teaching at the spanish foreign language undergraduate course

Abstract: The aim of this study is to evaluate and propose a new approach to the Spanish teaching at the undergraduate courses. This topic was chose after observations made at the three different work environments of the authors. The theoretical foundation used to compose this project is based on papers that discuss the development of a foreign language teaching course. In attempt to understand how the Spanish teaching is addressed in undergraduate courses, the data was collected from observations made during the classes, questionnaires, some registers made by students and analysis of the Spanish textbooks used by the professors at the Spanish Foreign language undergraduate course at Uberaba University and the Federal Institutes of Roraima and Distrito Federal. The results show that although the Spanish textbooks chosen were considered good, these do not meet the needs of the students. This research is relevant to promote a better education for the future Spanish teachers.

Keywords: approach, action-reflection-action, foreign language, pedagogical view.

ABREU, N. de. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - Brasil.

SILVA, D. B. da. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - Brasil.

¹ Professor, Campus de Brasília - Instituto Federal de Brasília, IFB. Pedagoga, E-mail: 1559135@etfbsb.edu.br.

² Professor, Campus Samambaia - Instituto Federal de Brasília, IFB. Mestre em Ciências e Práticas Educativas, E-mail: 1627213@etfbsb.edu.br

INTRODUÇÃO

A proposta de uma nova abordagem para o ensino do Espanhol como LE nos cursos superiores de formação de professores visa atender as necessidades de docentes e discentes em sala de aula, oferecendo possibilidades de aulas mais dinâmicas, produtivas, diversificadas, e, principalmente, levar o aluno a uma aprendizagem mais rápida e efetiva, contemplando as quatro habilidades (ouvir-falar-ler-escrever) com uma abordagem que lhe seja acessível e conteúdos que ajudem a ampliar seu conhecimento de mundo.

A proposta deste trabalho, de uma nova abordagem, foi pensada de forma análoga ao processo da construção da teia da aranha (Figura, p. 4). Buscou-se propiciar um ambiente de reflexão docente, estabelecendo a interação teórico-prática contextualizada em uma realidade sócio-econômico-político-cultural. Essa proposta deverá suscitar a transformação da atuação docente e a busca constante de experiências significativas no cotidiano da sala de aula, propiciando, com isso, melhor aproveitamento no ensino do espanhol como LE.

Diante do problema apresentado, este trabalho tem como objetivo propor uma nova abordagem metodológica (usando a teia como metáfora) no ensino-aprendizagem do espanhol como LE. Como extensão desse objetivo proposto, a nova abordagem poderá contribuir para o ensino de línguas estrangeiras de um modo geral.

Para atingir o objetivo proposto, fez-se necessário o estudo e entendimento dos métodos criados e

registrados ao longo da história do ensino de línguas, um breve parecer sobre dez diferentes manuais didáticos já experimentados e analisados pelos autores deste trabalho.

Com base na primeira leitura teórica de *Métodos y Enfoques en la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera*, de ABADÍA (2000), pode-se justificar este trabalho quanto à necessidade de constantes mudanças no processo ensino-aprendizagem de língua estrangeira. Basta-nos refletir sobre o que diz Abadía (2000, p. 7):

Ao longo da história, da evolução metodológica do ensino de línguas, os didáticos têm procurado estruturar os processos de ensino e de aprendizagem mediante uma série de princípios metodológicos que estabelecem os objetivos, conteúdos e procedimentos da aula de língua estrangeira. Ainda que na teoria a evolução do ensino de línguas estrangeiras possa parecer linear, na prática os métodos e enfoques se superpõem no tempo. Correntes metodológicas muito diferentes têm convivido e convivem em uma mesma época.

Para a realização deste estudo, foi necessária uma laboriosa leitura sobre pontos específicos do ensino de E/LE. Uma série deles fará parte deste estudo, começando pelas teorias de aquisição do E/LE.

Baralho (1999) afirma que toda língua que se aprende depois de haver adquirido a língua materna poderá ser considerada segunda língua (L2) ou língua estrangeira (LE), mas quando a aquisição de uma nova língua se dá em uma instituição, durante algumas horas semanais, somente no contexto institucional, tendemos a considerar que se trata de aquisição de LE.

Em relação à aquisição de E/LE, mencionaremos a seguir alguns pontos relevantes para o presente estudo.

Segundo Baralo (1999) o termo LE é usado para referir-se ao aprendizado em um contexto institucional, artificial, onde não se percebe uma necessidade comunicativa autêntica.

Os trabalhos mais aprofundados e detalhados que nos interessam em particular têm surgido no âmbito do ensino do espanhol, para adultos. Baralo (1999, p. 24) afirma que, em geral os adultos que adquirem uma LE têm menos êxito no domínio final da língua que as crianças que adquirem sua língua materna. Mas também é certo que muitos adultos conseguem um domínio excelente de uma LE que lhes permite resolver qualquer situação comunicativa e se expressarem com riqueza, correção e adequação. Para esse mesmo autor a pesquisa da Aquisição do Espanhol LE que tem dado resultado mais positivo é o da análise de erros.

A pesquisa realizada por Fernández (apud Baralo, p. 42) serviu para apresentar uma descrição sistemática e exaustiva da interlíngua espanhola. Este trabalho tem um inquestionável valor descritivo e pedagógico, pelo que resulta de grande interesse para os profissionais do ensino de E/LE, seja na sala de aula, no *design* de materiais ou nos programas de curso.

Vejamos agora, especialmente, o que alguns estudiosos dizem com relação à aquisição de língua estrangeira na idade adulta.

Segundo Baralo (1999, p, 24-25) alguns teóricos afirmam que os adultos também podem conseguir

um grau de êxito quase nativo, sempre que lhes for dado a conhecer o número suficiente de informações a respeito da língua a ser adquirida. Para isso, eles precisam ter real oportunidade de usar a língua para satisfatórios intercâmbios sociais, culturais, econômicos e de conteúdos.

Analisando os aspectos mencionados acima, parece absurdo acreditar na possibilidade de se adquirir uma língua quase como a um nativo em que a língua não é usada no dia-a-dia. Mas é aí que se deve encaixar a proposta de uma nova abordagem, sugerindo até mesmo de se dar a cada sala de espanhol o nome de uma cidade espanhola ou algum outro nome que suscite informações históricas cujos fatos os façam lembrar-se de um contexto pré-estabelecido e do compromisso que têm com a língua. Nesse recinto, todo e qualquer aviso, convite, ordem, informação, indicação de ser feitos de forma gradativa e contínua, em espanhol, tanto pelo professor como pelos alunos. Isso porque, normalmente, a aprendizagem de uma língua estrangeira ocorre dentro de um contexto institucional, artificial, onde não se percebe uma situação de comunicação autêntica como na língua materna. Ao contrario, os alunos devem fazer esforços, estudar, repetir, memorizar conteúdos por meio de exercícios. Conteúdos esses que, uma vez dados, devem formar o contexto básico para as próximas discussões.

Ao longo dos anos de prática docente, temos observado que o aluno não sabe o que falar em uma aula de conversação porque tudo foge do que ele vive e presencia no seu dia-a-dia.

Falar de conteúdos, situações ou textos que os alunos retomaram de várias formas em aulas anteriores, dará a eles uma confiança maior no domínio do conteúdo, na certeza de que muitas das palavras que usarão estão resolvidas ortograficamente e foneticamente.

Depois de rever alguns aspectos das teorias acerca da aquisição do espanhol como língua estrangeira examinamos exaustivamente os métodos de ensino de LE que foram criados ao longo da história para o ensino de línguas estrangeiras, e buscamos na pedagogia a base para sustentar nossa proposta.

Celani nos dá uma ideia precisa quanto às indagações sobre o ensino de línguas estrangeiras. De fato só é possível propor algo novo para o futuro com base nas mudanças sugeridas no passado, mas tudo isso à luz das inquietações do presente. As perguntas feitas por Celani abrem um leque de possibilidades de pesquisa a começar por tentar conhecer o “panorama com que nos deparamos, hoje, no mundo do ensino de línguas estrangeiras”, e sabemos que as preocupações são muitas e divergentes pela necessidade que cada curso tem de atingir um objetivo de acordo com o projeto de ensino de cada instituição. Sendo assim, fica evidenciada a impossibilidade de acordar um método, por mais inovador que seja, e adequá-lo aos vários cursos, propostas e objetivos. Será preciso, sim, uma abordagem que possibilite um ensino dinâmico e a interação do professor e sua prática em sala de aula. Essa interação só será possível e benéfica se o aluno tiver subsídios e conteúdos para se sentir motivado, seguro e, em relação à disciplina envolvida, em pé de igualdade como o professor.

Almeida Filho (2002) afirma que os problemas do ensino e formação de novos professores não seriam resolvidos com o surgimento de novos métodos, mas sim através dos estudos acerca das novas abordagens de ensino de língua estrangeira.

Sendo assim, acredito que conhecer as teorias de aquisição do espanhol como língua estrangeira, os métodos mais relevantes, as afirmações de Brown (1994) e de Almeida Filho (2002) são, sem sombra de dúvida, de suma importância para sustentar a proposta de uma nova abordagem para o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Essa é a afirmativa que teremos como base para desenvolver o presente trabalho.

A TEIA COMO METÁFORA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ELE.

Antes de abordar o processo metafórico de construção da teia da aranha, começamos repensando a postura do professor, hoje tão polêmica e cheia de rótulos e títulos, tais como: professor a moda antiga, professor moderno, professor educador, professor conteudista, professor data show. Seja qual for o rótulo, o importante é que esse profissional esteja adequado à sua função, com objetivos claros, e

tenha conhecimento de causa, saiba traçar objetivos de acordo com a necessidade do curso e dos alunos e assuma o compromisso com os mesmos; avalie o que ele, professor habilitado, entende do conteúdo a ser trabalhado e quais as prováveis dúvidas que esse conteúdo trará para os alunos, se a matéria foi entendida por eles, ponto de congruência desse entendimento. Muitos de nós, professores de espanhol, consideramos algumas questões muito simples, corriqueiras, sem importância e esquecemos que para os alunos tudo é novo. O que é de domínio do professor é novidade para os alunos, e tudo que é novo causa estranheza.

O professor deve ter em mente uma proposta clara de como preparar uma aula, de como buscar material específico, ampliar conteúdo, elaborar e contextualizar a aula, fazer previsões de dificuldades, escolher uma estratégia que demonstre o conteúdo com clareza. Além disso, pensando no professor como pessoa, com personalidade e postura próprias, percebe-se que esse precisa ser sensível aos problemas e indagações dos alunos, saber argumentar, ser organizado dentro e fora da sala de aula, usar roupas adequadas ao momento, observar o convívio social, cuidar da expressão corporal e o tom de voz, ser claro e consistente.

Organizar uma aula, selecionar conteúdos, contextualizar, são práticas e atitudes que todo professor sabe e, geralmente, o faz muito bem. Manuais didáticos são inúmeros e, cada um com sua proposta, são bons. Então, qual é o verdadeiro problema? Aqui aproveitamos para tentar responder à primeira das questões levantadas

neste trabalho: O problema está em uma série de correntes metodológicas que preconizam infinitas formas de se ensinar língua estrangeira. Ora se propõe ensinar língua a partir de textos, ora se discute a necessidade de se trabalhar estrutura, ora o comunicativo, e mergulhamos numa infinidade de propostas. E cada proposta traça um caminho interessante, mas desprezando as outras possibilidades. Outro problema, praticamente sem solução, está no fato de que o professor deve complementar o que o manual didático deixa a desejar. E o professor, e nós nos incluímos aqui, busca ampliar tais conteúdos, mas se perde entre um recorte e outro que seleciona para tal complementação. Falta de competência do professor? Não. Acúmulo de trabalho e de responsabilidades dentro da própria instituição como seminários, congressos, publicações, planejamento, provas, exames, correções, pesquisas, leituras, cursos de aperfeiçoamento, reuniões e colegiado. Tudo isso mina o trabalho do professor e faz com que ele improvise uma e outra aula, recorra a um texto não muito adequado para aquele momento. Imaginem o estrago provocado na formação do aluno ao longo de um ano letivo. No final de cada ano um problema maior. “As aulas não aconteceram.” Professores e alunos estressados e com a terrível sensação de: “Poderia ter sido melhor”. Essa sensação aliada à responsabilidade é saudável quando se certifica que o aprendizado foi bom, e que poderia ter sido melhor. Isso é um indicador positivo do senso de responsabilidade do professor, tanto com a instituição quanto com o aluno. Infelizmente, muitas vezes se certifica que as aulas, a disciplina

como um todo, não aconteceram. Pior ainda quando não se tem esse senso de responsabilidade e nem sequer se analisa o caminho percorrido para ver se é possível encontrar algum fragmento do conteúdo trabalhado durante um ano, ou até mesmo no curso inteiro.

Um segundo passo seria:

Como verificar tais problemas: Tentando refazer o caminho percorrido, ainda que de forma não muito aprofundada, porque isso será matéria para anos de estudos, buscando conectar os pontos, relacionando-os de forma que todas as propostas até hoje apresentadas por especialistas no assunto possam levar a resultados produtivos, efetivos, palpáveis pela instituição e pelos alunos. Ao refazer tal caminho, com base nas nossas observações, percebemos a necessidade de rever alguns teóricos, repensar os manuais didáticos, não para criticá-los, mas para tirar deles o melhor para propor uma nova abordagem.

Nessa trajetória, surge a pergunta:

Como é que nossos dados respondem aos problemas? Os nossos dados provêm do resultado de mais de 18 anos de incansável luta na tentativa de oferecer o melhor aos nossos alunos. Às vezes, nos sentimos perdidos em meio a tantas possibilidades, a tanto material didático, tantos métodos, tantas cobranças de alunos. No entanto, nunca nos desanimamos, pois acreditamos que é possível melhorar sempre, e muitas das nossas experiências serviram de base para elaborar novas unidades didáticas e estratégias para atender as necessidades dos nossos alunos, obtiveram êxito, como observamos nos depoimentos de alguns

alunos em seus trabalhos de construção de aprendizagens.

Nessa linha de raciocínio é que passamos a vislumbrar uma solução e propor uma nova abordagem para o ensino de línguas estrangeiras nos cursos de Licenciatura em Letras-Espanhol, no Brasil. Para isso nos valemos da metáfora da teia da aranha, para esboçar um projeto no qual propomos mudanças significativas, que poderá e deverá ser retomado e concretizado no futuro. Essas mudanças deverão ocorrer num movimento de integração de saberes e práticas educativas, deverão suscitar a transformação da atuação docente, a busca constante de experiências significativas no cotidiano da sala de aula e propiciar melhor aproveitamento no ensino do espanhol como língua estrangeira no Brasil.

A proposta foi pensada de forma análoga ao processo de construção da teia da aranha, conforme figura (página 4); sendo assim, estará representada pelos Módulos (M1, M2, M3, M4 e M5), eixos 1, 2 e 3, radiais e espirais, orientadas pelas palavras chave: Reflexão, Integração, Interação, Transformação e Busca.

Assim como qualquer processo de construção de conhecimento parte do senso comum, do empírico, do "aleatório", a construção da teia pela aranha, não é diferente. Nesse caso, o vento é a força aleatória impulsora para a organização da teia. Por meio de glândulas no abdome, a aranha fabrica continuamente um fio proteico por meio de reações metabólicas. Esse fio é guiado, ao sabor do vento, como todo processo de construção de conhecimento básico também se inicia por um

fio condutor que é colocado sob o foco de reflexões, avaliações, até se tornar coerente, validado ou não. Impulsionado pelo vento, o fio produzido pela aranha se prende em algum ponto e, em seguida, é esticado pela aranha e, à outra extremidade, é presa em algum ponto oposto (Pontos A e P, figura p.4), alcançando uma estabilidade.

Trabalhando esse fio suporte com mais produto proteico das glândulas, ao caminhar varias vezes sobre ele, o mesmo torna-se mais forte e extremamente resistente e seguro como o eixo básico do conhecimento que recebendo inovações, elaborações refletidas, torna-se mais denso, enquanto resultado do pensamento e da ação gerada em um campo que integra sentidos, sensibilidade e saberes.

Do centro da estrutura em Y que são os fios de suporte (Figura, p.4), a aranha adiciona novos fios radiais preenchendo os espaços vazios, e construindo uma espiral provisória, análogo ao aporte continuo de dados de experiências sobre o conhecimento em construção. Em seguida, a aranha, partindo da periferia para o centro, constrói uma espiral definitiva, mais estável, mas eficiente, mas a custo da desconstrução da espiral provisória, isto é, reciclando o elemento básico da estrutura do fio, o nitrogênio, como alimento para seu metabolismo construtor do fio (à semelhança do típico processo criativo e reflexivo que acontece em educação, com contínua inovação de si mesmo, pelas experiências construídas de práticas de desconstrução e construção do conhecimento, isto é, pela realimentação do fazer e da prática educativa).

Os fios radiais que partem do centro da estrutura até a periferia, ligam o núcleo aos Módulos que, embora de aspecto aparentemente fixo, avança com o tempo em adaptações e inovações com eficiência e qualidade em aprendizagem. Graças aos fios radiais e as conexões feitas pela espiral, no seu processo de construção-desconstrução-construção, e as identificadas informações que provêm de relações com o meio, as quais depois de processadas são transformadas em conhecimentos experienciais (como interações refletidas) significativos (numa espiral infinita), ultrapassam os limites impostos pelos Módulos, porque estará sempre em construção.

Como a aranha trabalha o fio suporte ao caminhar várias vezes sobre ele, o mesmo se torna mais forte e extremamente resistente e seguro, é como o eixo básico do conhecimento que, recebendo inovações, elaborações refletidas, torna-se mais denso, enquanto resultado do pensamento e ação gerados num campo que integra sentidos, sensibilidades e saberes.

Apenas como sugestão, segue a indicação de um texto acessível e informativo que dará ao aluno o conhecimento do que ele vai aprender: *Así es España*, texto fácil que dá informações básicas para o aluno. Informa sobre o país e suas comunidades autônomas, sua capital, a língua e suas denominações, outros idiomas co-oficiais falados na Galícia, País Vasco, e Catalunha; forma de governo, extensão territorial, número de habitantes, localização geográfica, suas fronteiras, mares e oceano que banham suas costas, etc. A partir dessas informações o aluno conhecerá um pouco sobre o país do qual origina a

língua que ele vai aprender. A partir desse pequeno e acessível texto, já será possível informar ao aluno, o que muda com relação aos sons das letras do português para o espanhol e informar, foneticamente, somente as letras que marcam diferenças muito acentuadas como: *g, j, ll, ñ, r, rr, s, v, x, z, y* e as vogais “e” e “o”. Cumprimentos, apresentações e despedidas, uma canção de fácil compreensão auditiva, chamando a atenção do aluno para algumas palavras, mostrará que o professor está falando sobre sons que ele ouve e pode ouvir a toda hora no rádio e na televisão. Assim, a primeira aula estará contextualizada, ou seja, o frágil suporte (Módulo 1, figura, p. 4) estará preso e fortalecido em suas extremidades.

A primeira linha, do Módulo 1, está construída e, a partir dela já é possível construir a estrutura em Y, eixos E1, E2 e E3.

Partindo-se da ideia de que a aranha precisa de um ponto para que ela possa prender a extremidade do fio, como ilustra a figura na página 4 (Pontos A e P). A partir do ponto médio desse fio, preso em duas extremidades, conteúdo e objetivo, reforçado pelo fazer e refazer por meio de leituras e lições preliminares, o aluno pode expandir seu conhecimento, como faz a aranha ao tecer uma estrutura em Y que são novos fios de suporte e adiciona a partir do centro desta estrutura à periferia, novos fios, as radiais, preenchendo os espaços vazios e, assim, construindo uma espiral provisória, sentido horário, análogo ao aporte de dados experienciais sobre o conhecimento em construção. Desse ponto central emergem espirais que relativizam o aluno

pensando na construção do próprio conhecimento num movimento constante de interação teoria - prática, permeado pelas relações interpessoais e desdobramentos da abertura do campo do saber, que levam aos objetivos do curso ou disciplina em questão: ação - reflexão - ação, representada pela teia concluída (Figura, p. 4).

O aluno começa a expandir seu conhecimento de maneira ampla, irrestrita, tendo contato com todas as questões relativas à língua que ele adquire, mas sem a preocupação, pelo menos no primeiro ano, de dominar todas as estruturas. Seu aprendizado é, nesse momento, provisório. O importante é o contato com a nova língua, a possibilidade de redigir e de falar na nova língua, ainda que de maneira um tanto primária.

Na estrutura em Y, E-1 (Figura, p. 4) estabelece a primeira relação lógica entre o querer aprender, o que aprender e o porquê aprender. É quando o professor entra com informações que levam o aluno a ver a diferença entre a língua materna e a língua estrangeira, numa tentativa de fazê-lo entender que aprender uma língua estrangeira é começar do zero, e isso implica em recorrer o menos possível à língua materna para entender a língua meta. É o esforço de permitir-se conhecer uma nova estrutura que vai ajudá-lo a conseguir um aprendizado rápido e eficaz. É o querer aprender. Sabendo que a língua que ele vai aprender se origina do latim e que também sofreu influências de vários povos, por isso é tão fácil e tão difícil ao mesmo tempo. Que o espanhol é língua fala em 21 países e, hoje falada por mais de 400 milhões de pessoas. Que a previsão, segundo Carlos Fuentes, escritor mexicano, que dentro de

poucos anos mais de 8% da população norte-americana falará o espanhol. Que o espanhol sofre uma grande variação e que em cada país sofre influências, mas basta conhecer um espanhol padrão para se comunicar com qualquer povo que tenha o espanhol como língua materna, isto é, dar a conhecer o que se vai aprender. Que hoje, aquele que fala um só idioma é considerado um analfabeto; que o espanhol é língua oficial nos Fóruns Políticos Internacionais, na Organização das Nações Unidas e na União Europeia. Que é uma língua rica pela composição e se origina de um país extremamente rico em história e cultura como é a Espanha. Isso justifica o porquê de aprendê-la.

O eixo 2 (Figura, p. 4) representa o elo da sala de aula à sociedade num processo interativo: aprendizado e necessidade real. O que fazer com esta nova língua; onde ela se encaixa na vida do aluno; que vantagens profissionais se acrescentam àquele que domina uma segunda língua.

O eixo 3 (Figura, p. 4) é o ponto de apoio da outra extremidade que liga o núcleo (sala de aula) à periferia. Este serve para fortalecer a base que vai sustentar todo o processo de construção do conhecimento.

Na figura (p. 4), o Módulo 2 representa o contexto histórico; a língua no contexto histórico. Com um texto de fácil compreensão, a partir do qual o aluno possa conhecer um pouco mais sobre a história da língua assim como sua formação, as línguas que influenciaram a composição do castelhano; o porquê do nome castelhano antes de espanhol. Assim, o aluno vai se inteirando de um

assunto que deve ser de seu interesse. Tudo isso permeado com aulas básicas, como: ligeiras noções fonéticas; como pedir licença para entrar e sair da sala de aula; como cumprimentar os colegas e professor; como fazer perguntas básicas e cotidianas, em sala de aula. Mas sem a preocupação de cobrar essas estruturas do aluno num primeiro momento. Esta, ainda, é uma fase de construção do conhecimento, no sentido de estabelecer o conteúdo com o qual se vai trabalhar durante os quatro anos do curso. Até este ponto (M-2) o curso terá praticamente as mesmas características de um instrumental que tem o texto como ponto de partida e material fundamental para as aulas de espanhol. Isto é, o texto com temática pertinente a proposta do curso é apresentado para leitura. Dessa leitura discute-se a primeira impressão e compreensão do texto e, em seguida, explora as demais informações e, até mesmo, algumas estruturas da língua.

Este trabalho soma 100 páginas, nas quais estão resumidas nossas pesquisas. Logo, resumidamente a proposta, espelhada na teia de aranha, obedece a seguinte ordem estrutural: O Módulo 1 (M-1) liga os dois pontos de maior importância no processo, a relação professor - aluno. Uma linha tênue a princípio, mas que exige seja reforçada para que o aluno saiba da capacidade do professor, o conteúdo com o qual ele vai trabalhar durante os quatro anos do curso de letras, o "acento" com o qual o professor vai trabalhar em sala de aula, os exercícios de pronúncia e ortografia, o respeito e a confiança mútuos, e claro a exploração de todos os elementos possíveis. A

ênfase recai sobre a fonética, mas o professor pode e deve explorar tudo aquilo que o material ora trabalhado lhe permita. O Módulo M-2 marca as atividades de leitura e compreensão de textos de todos os gêneros, partindo dos mais elementares aos mais complexos. Ao executar essas leituras o professor observa se as atividades realizadas no Módulo 1, surtem os efeitos esperados, e as mesmas leituras são materiais para o Módulo M3, a oralidade. Nela será posto em prática a conversação através de perguntas e respostas sobre os textos lidos, diálogos estruturais, pequenos relatos do cotidiano do aluno. Chegamos no E-3 (Eixo 3), uma pausa para sistematizar os elementos gramaticais cujos equívocos foram alarmantes. Com isso começamos a capacitar o aluno quanto a produção escrita. Nas primeiras tentativas por meio de textos modelos como pequenos relatos e diálogos que fazem parte do Módulo 4. Entramos então no Módulo 5, no qual se realizam as atividades de revisão, as atividades lúdicas, auto avaliação e avaliação. Terminada a primeira volta da espiral, a qual apresentou conteúdos básicos, primários, mas efetivos, proveitosos; iniciamos a segunda volta da espiral proporcionando ao aluno um conteúdo cuidadosamente elaborado que represente um grau a mais para o seu aprendizado. Lembrando que cada linha dos Módulos 1, 2, 3, 4, 5, por meio de suas linhas radiais, traz conteúdos com ênfase específicos ora sobre a fonética e pronúnciação, ora sobre a leitura e compreensão, conversação, produção escrita, revisão, atividades lúdicas, auto avaliação e avaliação; mas nada impedirá de se tirar proveito dos conteúdos trabalhados para a

aquisição lexical, noções gramaticais, informações histórico-culturais, variação fonética, enfim, cada módulo é pretexto para abordar todas as questões de interesse do curso e do aluno. Tudo é pretexto para reforçar a ênfase sobre cada radial traçada que conecta o núcleo aos Módulos. É a ideia de se colocar o texto a serviço da gramática e a gramática a serviço do texto, bem como utilizar a língua como pretexto para falar de tudo, e falar de tudo e qualquer tema para ensinar a língua. Lembrando que cada volta da espiral equivale ao degrau de uma escada que tende a levar ao aluno cada vez mais alto. E concluídos os quatro anos de curso a espiral pode ultrapassar as linhas aqui chamadas de M1, M2, M3, M4 e M5, por meio de curso de aperfeiçoamento e de pós-graduação.

No Brasil, o aluno que tem certo poder aquisitivo e pode complementar seus estudos de inglês em uma escola de idiomas, chega a faculdade com certo domínio do inglês, mas a maioria deles chegam a faculdade sem nenhum conhecimento do espanhol como língua estrangeira. E quando ele tem uma base do espanhol adquirido durante o ensino fundamental, na maioria das vezes seu aprendizado é tão básico que pouco ou quase nada ajuda em seu desenvolvimento em sala de aula em um curso de letras. Ainda há uma cultura que o mais importante é o aprendizado da língua inglesa. O que não deixa de ser verdade, mas porque não aprender outras línguas e, lógico, o espanhol por fazer parte do Mercosul e por ser a língua dos nossos irmãos latinos americanos. E mais por ser uma língua que ganha cada vez mais adeptos em todo o mundo.

Hoje, no Brasil, o ensino do espanhol como língua estrangeira ganha cada vez mais notoriedade e cresce a olhos vistos, mas senão repensarmos o ensino dessa língua como língua estrangeira, muito parecida ao nosso português, mas, ao mesmo tempo, muito diferente devido as muitas outras influências que não as advindas do latim; o brasileiro vai continuar chamando macaco de *macueco*, e coca-cola de *cueca-cuela*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho, considerando a importância do espanhol como língua estrangeira no curso de Licenciatura em Letras - Espanhol, bem como os problemas que cercam o ensino desta língua nos cursos de nível superior no Brasil, foi propor uma nova abordagem a partir da análise de vários livros didáticos adotados pelos professores de diversas instituições de ensino. Não há um material didático específico destinado a um curso de Licenciatura em Letras - Espanhol. Queremos dizer, todo e qualquer material didático adotado por uma instituição de nível superior pode ser adotado por escolas do ensino fundamental seja pública ou privada ou por escolas de idioma. O material didático a ser utilizado em curso de Licenciatura em Letras Espanhol deve conter, de forma muito aprofundada, todo o relacionado à história, cultura, literatura, variação lexical e fonética, fenômenos linguísticos e tudo o que estiver relacionado ao ensino aprendizagem da língua em questão. É preciso que os conteúdos trabalhados nas aulas de língua aproximem o aluno das outras disciplinas como introdução a linguística,

sociolinguística, linguística aplicada, filologia, literatura e outros afins.

Ao verificar a cultura de aprender dos alunos, podemos perceber que ela se relaciona com a abordagem de ensinar do professor, ora de maneira congruente, ora de maneira incongruente. Em outras palavras, a maioria dos cursos de formação de professores não oferece subsídios para a prática reflexiva no sentido de estabelecer uma estreita relação entre o conhecimento das teorias e a experiência da prática, passando pelo crivo da reflexão. Aprender uma língua estrangeira longe do país de origem é, no mínimo, desconfortante. Trazer para a sala de aula todas as informações possíveis a respeito da língua que se aprende não é tarefa fácil, mas faz e fará toda a diferença. Assim sendo, os resultados desta pesquisa sugerem que estudiosos e universidades deveriam rediscutir e redefinir os programas de seus cursos de formação de professores no sentido de construir uma ponte sólida entre o conhecimento teórico e a prática, levando em conta que quanto mais amplo e abrangente seja o conhecimento desse novo profissional, melhor será seu desempenho em sala de aula e no seu campo de trabalho. A proposta de uma nova abordagem para o ensino - aprendizagem do espanhol língua estrangeira, tornou-se mais pertinente à medida que reconhecemos que o ensino - aprendizagem de línguas deve estar calcado numa prática dinâmica, atrativa, diversificada, ampla, efetiva, mas que cada etapa esteja metodicamente organizada, progressiva, acumulativa e, principalmente, que os vários enfoques estejam relacionados entre si e

se complementem. Pensar em uma nova abordagem seguindo a organização da estrutura da teia da aranha pode ser um facilitador na hora de elaborar unidades didáticas específicas para o ensino do espanhol no Brasil, suprimindo, assim, as pequenas, mas notáveis deficiências detectadas nos livros didáticos que venham a ser adotados em um curso de Licenciatura em Letras - Espanhol.

Acreditamos que a proposta de uma nova abordagem para o ensino de línguas nos cursos superiores, que a princípio pretendia resolver apenas um problema local, possa vir a auxiliar o ensino de línguas de um modo geral e, quem sabe, vir a contribuir para o surgimento de um novo método de ensino de línguas.

REFERÊNCIAS

- ABADÍA, P. M. Métodos y enfoques en la enseñanza del español como lengua extranjera. Madrid: Edelsa, 2000
- ABREU, N. Nova abordagem para o ensino de línguas estrangeiras nos cursos superiores. Franca: SP, [sn], 2004
- ALMIEDA FILHO, J. C. P. Dimensões comunicativas no ensino de línguas. Campinas: Pontes, 2002
- BARALO, M. La adquisición del español como lengua extranjera. Madrid: Arco/Libros, 1999
- CELANE, M. A. A (ORG.) ensino de línguas estrangeiras: olhando para o futuro. In_____. Ensino de segunda língua: redescobrimdo as origens. São Paulo: Educ, 1997
- FERNÁNDEZ, F. M. Qué español enseñar. Madrid: Arco/libros, 2000
- MOITA LOPES, L. P. Interação e Aprendizagem de Leitura em Sala de Aula de LE e LM na escola pública. In: MOLLICA, M. C. & MOITA LOPES, L. P. (ORG.) Espaços e Interfaces da Linguística Aplicada. Cadernos Pedagógicos, No. 17, UFRJ, 1995